

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE  
CURSO DE ENFERMAGEM

**LAYLA LORENE SENA LOBO**

**AS MANIFESTAÇÕES DO *DATING VIOLENCE*: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado em forma de artigo científico como requisito parcial na finalização do curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade de Educação e Ciências da Saúde – FACES/UniCEUB, sob orientação da Professora Doutora Julliane Messias Cordeiro Sampaio.

Brasília

2020

# AS MANIFESTAÇÕES DO *DATING VIOLENCE*: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Layla Lorene Sena Lobo<sup>1</sup>  
Julliane Messias Cordeiro Sampaio<sup>2</sup>

## RESUMO

O *dating violence* é um conjunto de atitudes agressivas que ocorrem durante o namoro e, nesta revisão, objetivou-se identificar as manifestações desse fenômeno. A investigação contribui na abordagem mais ampla sobre esse tipo de violência. Utilizou-se o método SPIDER para responder à pergunta de pesquisa e foram selecionados sete artigos das bibliotecas virtuais SciELO e LILACS que abordavam manifestações do fenômeno. As manifestações do *dating violence* foram categorizadas em três grupos: 1. manifestações de violência psicológica, 2. manifestações de violência física e 3. manifestações de violência sexual. Os resultados apontam a violência psicológica com maior prevalência e, em relação ao sexo, estudos mostram incongruência entre vítimas e agressores, assim como as manifestações. Revelou-se que esse tipo de violência exige intervenções intersetoriais e requer medidas dialógicas sobre o tema nos contextos permeados por jovens e adolescentes.

**Palavras-chave:** violência no namoro; saúde do adolescente; enfermagem; saúde pública.

## THE MANIFESTATIONS OF *DATING VIOLENCE*: AN INTEGRATIVE REVIEW

### ABSTRACT

Dating violence is a set of aggressive attitudes that occur during the relationship. This review aimed to identify manifestations of the phenomenon. The investigation contributes to the broader approach to this type of violence. The SPIDER method was used to answer the research question and seven articles were selected from the virtual libraries SciELO and LILACS that addressed manifestations of the phenomenon. The manifestations of dating violence were categorized into three groups: 1. Psychological violence manifestations, 2. Physical violence manifestations, and 3. Sexual violence manifestations. The results point to the most prevalent manifestation of dating violence is the psychological one, and regarding to sex, studies show incongruity among victims and aggressors, as well as the manifestations. It was revealed that this type of violence demands intersectoral interventions and requires dialogical measures on the theme in contexts permeated by young people and adolescents.

**Keywords:** dating violence; adolescent health; nursing; public health.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Enfermagem pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

<sup>2</sup> Docente do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) – Doutora em Enfermagem em Saúde Pública.

## 1 INTRODUÇÃO

A violência no namoro é referida na literatura como *dating violence* e, durante muito tempo, essa forma de relação abusiva que ocorre nos relacionamentos íntimos de jovens e adolescentes foi negligenciada. Embora seja um problema comum, pesquisas nessa área ganharam relevo, sobretudo nos Estados Unidos e no Canadá, somente na década de 1980 (MAKEPEACE, 1981). Existe uma carência de estudos na área, que pode se justificar pela ideia de que namoro não é lugar de violência (BITTAR; NAKANO, 2017). No cenário internacional, a preocupação social tem sido crescente em razão da alta prevalência, o que torna essa questão um problema de saúde pública (ANACONA, 2008).

O namoro pode se instaurar tanto pela via do abuso, quanto como uma constante busca por um relacionamento em que há igualdade e respeito como base (COSTA; MODESTO, 2020). No ano de 2002, a Organização Mundial de Saúde - OMS definiu a violência no namoro como um "comportamento dentro de uma relação íntima que causa dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores" e, é sabido que esse tipo de violência pode ocorrer durante a adolescência perdurando por toda a vida adulta (OMS, 2002; BESERRA et al., 2016).

O *dating violence* pode levar à manifestação de perturbações emocionais, baixa autoestima, depressão, raiva, ansiedade, ideação suicida, insucesso escolar, consumo de substâncias, disfunções de comportamento alimentar, estresse pós-traumático e comportamentos sexuais de risco na vítima (OLIVEIRA et al., 2015; CARIDADE; SAAVEDRA; MACHADO, 2012). A violência por parceiro íntimo entre adolescentes tem especificidades próprias dessa faixa etária e é tão grave quanto à violência que ocorre entre adultos em relação à prevalência, lesões, danos psicológicos e sociais. Sendo assim, o fenômeno requer atenção específica (OMS, 2012).

O cenário social em que se desenvolve é caracterizado pela vigência da ideologia machista permeando as relações de gênero e o resultado é a naturalização da dominação masculina (BITTAR; NAKANO, 2017). Em estudo realizado por Nascimento e Cordeiro (2011), as autoras citam os casos de duas jovens, Mariana Sanches e Eloá, que foram assassinadas pelos ex-namorados, casos esses com ampla divulgação pela mídia, somados a outros com desfechos tão trágicos quanto. Em 2018, a cada hora, 536 mulheres sofreram agressão física no Brasil e a cada minuto, nove mulheres são vítimas de algum tipo de agressão. Esses dados são da pesquisa Visível e Invisível – A Vitimização de Mulheres no Brasil (2019), realizada pelo Datafolha e

Fórum Brasileiro de Segurança Pública (JUNG; CAMPOS, 2019). Estima-se que, mundialmente, um terço das mulheres já tenha sido vítima de violência cometida por alguém com quem ela mantém ou manteve um relacionamento (BIGLIARDI; ANTUNES, 2018).

Considerando o namoro como fase em que as relações íntimas são construídas e podem se consolidar, conhecer como o fenômeno da violência está presente nessas relações é de extrema importância (FLAKE et al., 2013). Este estudo se justifica, pois, a temática ora apresentada é de elevada relevância social, desponta possibilidades de elucidação de manifestações das multifaces da violência além da possibilidade de subsidiar atitudes e condutas de autoproteção e pedido de ajuda frente ao *dating violence*, tendo em vista que as suas diversas manifestações podem colocar em risco a saúde e o bem estar, além de contribuir para manifestações futuras de outras formas de violência, como a conjugal, a praticada contra a mulher ou até mesmo o feminicídio.

Destarte, foi elencada a seguinte questão de pesquisa: “Quais são as principais manifestações do *dating violence*?”. Sendo assim, a fim de respondê-la, o objetivo do presente estudo é identificar, nas publicações científicas, as manifestações do *dating violence*.

## 2 MÉTODO

O presente estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura acerca das manifestações do *dating violence*. A revisão integrativa proporciona a síntese do conhecimento e que se incorpore a aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática, portanto, consiste em um instrumento da Prática Baseada em Evidências (PBE). O processo de elaboração da revisão integrativa é composto por seis fases: elaboração da pergunta norteadora; busca ou amostragem na literatura; coleta de dados; análise crítica dos estudos incluídos; discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Para construir a questão e nortear as buscas foi utilizada a estratégia SPIDER, que também permitiu identificar e incluir nesta revisão estudos com diferentes delineamentos e tipos de pesquisa (OLIVEIRA et al., 2017) e, para a análise, contempla os elementos a seguir: *Sample* (amostra); *Phenomon of Interest* (fenômeno de interesse); *Desing* (desenho do estudo); *Evaluantion* (avaliações) e *Research type* (tipo de pesquisa) (COOKE; SMITH; BOOTH, 2012). A busca na literatura ocorreu de março a abril de 2020 nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), utilizando-se os descritores *dating violence or* violência no namoro.

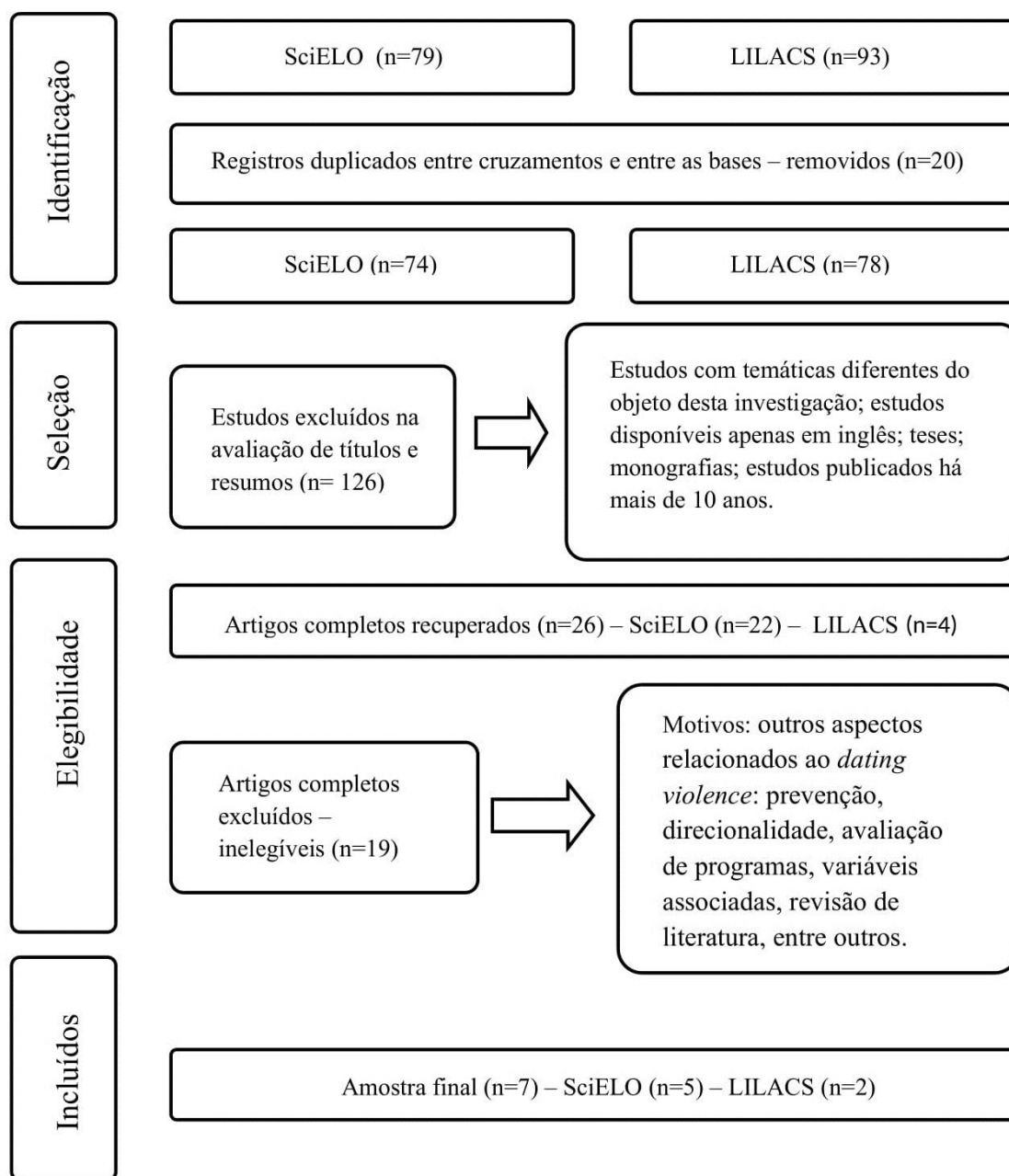
Os critérios de inclusão para seleção dos estudos foram os seguintes: artigos científicos que abordavam a temática do *dating violence*, disponíveis em português ou espanhol e publicados nos dez últimos anos, ou seja, entre 2011 e 2020. Os critérios de exclusão foram artigos científicos disponíveis apenas em inglês, artigos encontrados em duplicidade, tanto na própria base de dados quanto entre as bases, estudos que correspondiam a teses e monografias e aqueles publicados há mais de dez anos, ou seja, anteriormente ao ano de 2011.

A busca resultou em 172 estudos, sendo 79 na base de dados SciELO e 93 na LILACS. Dos 79 estudos disponíveis na base de dados SciELO, foram excluídos: 44 artigos que não correspondiam à temática proposta; 5 artigos disponíveis apenas em inglês e 1 artigo que havia sido publicado em 2008. Dos 93 estudos disponíveis na base de dados LILACS, foram excluídos: 66 artigos que não correspondiam à temática proposta; 4 artigos disponíveis apenas em inglês, 4 teses e 2 monografias. Foram excluídos 20 artigos encontrados em duplicidade na própria base de dados ou entre as bases. O total inicial de artigos científicos selecionados em ambas as bases de dados foi 26.

A etapa seguinte consistiu na leitura dos artigos selecionados até então para verificar se eles respondiam à questão que norteia esta revisão integrativa. Foram excluídos 19 artigos, sendo 17 da SciELO e 2 da LILACS. Os artigos em questão abordavam outros aspectos relacionados ao *dating violence*: prevenção, direcionalidade, avaliação de programas, variáveis associadas, revisão de literatura, entre outros. A amostra final consistiu em 7 estudos, sendo 5 encontrados na base de dados SciELO e 2 encontrados na LILACS. O processo para determinar a amostra final consistiu em quatro etapas, conforme mostra a Figura 1.

Os estudos incluídos na amostra final ainda foram avaliados com relação ao nível de evidência, o que permitiu a classificação dessas evidências em fracas, moderadas ou fortes. Evidências resultantes de meta-análise de múltiplos estudos clínicos controlados e randomizados (Nível I) e evidências obtidas em estudos individuais com delineamento experimental (Nível II) foram classificadas como “fortes”. Evidências de estudos quase experimentais (Nível III) e evidências de estudos descritivos (não-experimentais) ou com abordagem qualitativa (Nível IV) foram classificadas como “moderadas”. E, por fim, evidências provenientes de relatos de caso ou de experiência (Nível V) e evidências baseadas em opiniões de especialistas (Nível VI) receberam a classificação “fracas” (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). A classificação das evidências pode ser observada na Tabela 1.

**Figura 1.** Fluxograma do processo de construção da revisão integrativa.



### 3 RESULTADOS

A amostra final que compõe esta revisão integrativa consiste em sete artigos científicos. Dentre eles, houve maior predomínio de estudos publicados nos anos de 2016 e 2017. Com relação ao tipo de estudo, três artigos consistiam em pesquisas qualitativas, dois em estudos epidemiológicos transversais e dois estudos eram de natureza mista (quantitativa e qualitativa). Com relação à classificação das evidências, todas foram consideradas moderadas (Nível IV). Duas pesquisas foram realizadas em Portugal, uma no México e quatro no Brasil.

**Tabela 1** – Características gerais dos estudos incluídos.

<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Tipo de estudo</b>	<b>Classificação das evidências</b>
NASCIMENTO e CORDEIRO	2011	Pesquisa qualitativa	Moderadas – Nível IV
FLAKE et al.	2013	Estudo epidemiológico de corte transversal	Moderadas – Nível IV
CECCHETTO et al.	2016	Pesquisa qualitativa	Moderadas – Nível IV
BESERRA et al.	2016	Estudo transversal de cunho epidemiológico	Moderadas – Nível IV
GAMA, VERÍSSIMO e TOMÁS	2017	Estudo de natureza mista	Moderadas – Nível IV
BITTAR e NAKANO	2017	Pesquisa qualitativa	Moderadas – Nível IV
FLORES-GARRIDO e BARRETO-ÁVILA	2018	Estudo de natureza mista	Moderadas – Nível IV

Fonte: Elaborada pela a autora

As características gerais dos estudos incluídos podem ser observadas na Tabela 1.

A Tabela 2 mostra a distribuição dos estudos revisados. Foi realizada a identificação: da amostra com a respectiva caracterização, dos objetivos das pesquisas e dos resultados encontrados.

**Tabela 2 – Distribuição dos estudos revisados.**

<b>Autores</b>	<b>Amostra</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Resultados</b>
NASCIMENTO e CORDEIRO	22 jovens entre 18 e 29 anos de ambos os sexos	Não especificados	Os jovens entrevistados compreendem a violência como sendo mais do que física, entretanto, não reconhecem como violência proibições, controle e cerceamento da liberdade do outro, bem como a troca de xingamentos e tapas, que muitas vezes são encarados como brincadeiras.
FLAKE et al.	362 universitários de ambos os sexos, com idade entre 18 e 39 anos e idade mediana de 20 anos	Descrever as prevalências de perpetração e de vitimização de diferentes tipos de violência, especificamente das violências física, psicológica e sexual ao longo da vida; descrever as sobreposições quer entre os três tipos de violências, quer entre as sofridas e as perpetradas; examinar as prevalências e as superposições encontradas da perspectiva masculina e feminina.	Entre todos os entrevistados, 75,9% sofreram e 76,4% perpetraram algum tipo de violência na vida. O tipo de violência mais prevalente, tanto sofrida como perpetrada, foi a psicológica, seguida da sexual. A grande sobreposição entre violências sofridas e perpetradas (83,9%) reflete a reciprocidade das agressões, sem diferença entre homens e mulheres.
CECCHETTO et al.	257 adolescentes do sexo masculino, de idade entre 15 e 19 anos	Analisar as visões e as experiências de jovens do sexo masculino sobre seus relacionamentos, explorando as questões de gênero e violência entre namorados adolescentes.	Os significados atribuídos ao fenômeno da violência no namoro são recortados por representações rígidas de papéis de gênero, correspondendo às expectativas em relação ao desempenho de homens e mulheres nas relações afetivo-sexuais.
BESERRA et al.	1268 adolescentes de ambos os sexos com idade entre 14 e 19 anos e média de idade de 16,56 anos	Identificar a prevalência de violência no namoro entre adolescentes e discutir a associação entre os comportamentos de violência e as variáveis: idade, sexo e tempo de namoro.	5,9% do total dos adolescentes referiram envolvimento em situação de violência no namoro. Ambos os sexos relataram uso de violência física. Na violência psicológica, o sexo masculino é o maior perpetrador e vítima.
GAMA, VERÍSSIMO e TOMÁS	371 estudantes do ensino superior, sendo 324 do sexo feminino e 47 do masculino com idades compreendidas entre 18 e 49 anos, sendo a média de idades de 21,5 anos	Caracterizar a violência no namoro, aferir a prevalência dos diferentes tipos de abuso e analisar as estratégias de resolução de conflitos.	Os dados apontam para a presença de violência no namoro, sendo que o tipo de abuso sofrido com maior prevalência é o emocional ou verbal, e são as raparigas que o perpetraram mais do que os rapazes.
BITTAR e NAKANO	19 adolescentes de ambos os sexos, com idade entre 16 e 18 anos	Compreender como os adolescentes significam suas relações afetivas e situações de conflito/violência no namoro.	Depreenderam-se duas categorias temáticas centrais: “Significados das relações afetivas dos adolescentes” e “Da (des)construção da violência simbólica à expressão de outras formas de violência”.
FLORES-GARRIDO e BARRETO-ÁVILA	534 pessoas, sendo 219 homens e 315 mulheres, porém os dados apresentados são referentes apenas ao sexo feminino	Analisar o nível de incidência das diversas manifestações de violência no namoro de jovens estudantes da Escuela Nacional de Trabajo Social (ENTS).	Ambas as abordagens tornaram possível ver a maneira pela qual a violência baseada em gênero nos relacionamentos íntimos afeta as estudantes e, assim, reforça o sistema de desigualdades de gênero na sociedade.



## 4 DISCUSSÃO

Diversos fatores como traição, ciúme, uso abusivo de bebidas alcoólicas ou uso de outras drogas foram relacionados à ocorrência de práticas violentas no namoro, sendo o ciúme percebido como o principal desencadeador. Assim, o ciúme é a razão mais alegada como justificativa para a agressão. Os jovens interpretam o ciúme de diferentes formas: para alguns, ele é compreendido como cuidado e expressão de amor e atenção e, para outros, é algo prejudicial e que não deve compor a relação (CECCHETTO et al., 2016; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011; BITTAR; NAKANO, 2017). Bittar e Nakano (2017) ainda ressaltam que o ciúme é uma ferramenta de poder e controle, uma forma de violência simbólica, capaz de refletir e reproduzir desigualdades de gênero.

Na pesquisa realizada por Flake et al. (2013), foi observada prevalência elevada de violência sofrida e/ou perpetrada, com maior frequência da violência do tipo psicológica. Mas, ao considerar os tipos exclusivos e as combinações entre as formas, não foi a violência psicológica exclusiva a mais prevalente e sim as suas formas combinadas: violência psicológica combinada com a sexual, seguida dos três tipos simultâneos. Não houve diferença estatisticamente significativa entre os homens e as mulheres.

Este estudo corrobora com os achados de Flores-Garrido e Barreto-Ávila (2018), em que a incidência de violência psicológica foi elevada, se configurando como a mais sofrida pelas jovens; com o que foi afirmado no estudo de Gama, Veríssimo e Tomás (2017), em que o tipo de violência sofrida mais evidenciada foi a emocional ou verbal seguida do comportamento ameaçador. Esses resultados convergem também com as pesquisas realizadas por Cecchetto et al. (2016), onde a violência psicológica foi a mais praticada por adolescentes de ambos os sexos e, por Bittar e Nakano (2017), onde as manifestações de violência psicológica apareceram de modo marcante nas relações afetivo-sexuais.

Diferentemente do observado por Flake et al. (2013), onde não houve diferença estatisticamente significativa com relação ao sexo dos participantes da pesquisa, Beserra et al. (2016), observaram que o sexo masculino apresentou um maior percentual de perpetração do que o feminino, em 13 dos 18 tipos de comportamento, como: fazer comentários negativos sobre a aparência; apresentar posturas e gestos de ameaça; perseguir na escola; julgar, corrigir, criticar; puxar os cabelos com força; apertar o pescoço; atirar objetos no parceiro; dar pontapés ou cabeçadas; dar empurrões violentos; insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir; pedir para que o parceiro tenha atos sexuais de que não gosta e realizar tentativa de contato físico com conotação sexual.

Ainda segundo o mesmo estudo de Beserra et al. (2016), o sexo feminino se apresenta como vítima em maior frequência nos comportamentos: o parceiro apresenta comportamentos de chantagens; realiza comentários negativos sobre a aparência; demonstra posturas e gestos de ameaça; persegue na escola; invade a privacidade; dá empurrões violentos; impede o contato com outras pessoas; grita ou ameaça para meter medo e insulta, difama ou faz afirmações graves para humilhar ou ferir.

O estudo de Gama, Veríssimo e Tomás (2017), analisou a influência do sexo na resolução de conflitos. O sexo feminino utiliza mais estratégias positivas e abusivas que o masculino e também refere mais a utilização de estratégias positivas por parte dos parceiros. Quanto às estratégias utilizadas na resolução dos conflitos de maneira assertiva, os adolescentes referiram que eles apresentam os seus motivos, admitem a culpa, concordam quando o parceiro está certo, apresentam soluções e discutem o assunto calmamente, sendo que a estratégia menos utilizada por eles é abandonar a sala para se acalmarem.

Verificou-se que, ocorre o aumento dos episódios de violência na medida em que o tempo de duração do relacionamento perdura, conforme mostra o estudo conduzido por Flake et al. (2013) e também de Beserra et al. (2016), que demonstraram que, os comportamentos e manifestações de violência que apresentaram diferença significativa com relação ao tempo de duração do namoro estiveram presentes entre os jovens e adolescentes com relacionamentos mais longos.

Observou-se também um aumento na incidência das violências sofridas conforme aumenta a idade das jovens na pesquisa realizada por Flores-Garrido e Barreto-Ávila (2018), sendo assim, as participantes de 23 anos ou mais, apresentaram maior incidência de violência do que as que tinham entre 17 e 22 anos. Isso aponta congruência com os achados de Beserra et al. (2016), onde os comportamentos de violência que apresentaram diferenças significativas com relação a idade estiveram mais presentes entre os adolescentes mais velhos. Ainda segundo a pesquisa de Beserra et al. (2016), à medida que a idade e o tempo de namoro aumentam, aumenta o percentual de comportamentos de vitimização e perpetração para o sexo feminino. E, para o sexo masculino, o aumento do tempo de namoro faz aumentar apenas o percentual de comportamentos de perpetração.

A pesquisa de Flores-Garrido e Barreto-Ávila (2018), demonstrou a quem as jovens recorriam frente às situações de violência sofridas. O apoio foi buscado com mais frequência no círculo de amigas e, seguido de busca de auxílio das próprias mães. Nesse sentido, as ações de sensibilização para o enfrentamento do *dating violence* são importantes porque, ações

em conjunto, tanto no nível intersetorial quanto, no que tange a participação de jovens envolvidos com esse fenômeno, potencializam as estratégias que poderão interromper o ciclo desse tipo de violência. Ou seja, essas pessoas por quem as jovens demonstram maior confiança também precisam ser sensibilizadas em relação à temática para que o apoio seja a partir de ações resolutivas, quebrando, dessa maneira, a perpetuação dos conflitos nos relacionamentos.

Vale ressaltar ainda que, em estudo realizado por Flores-Garrido e Barreto-Ávila (2018), uma parcela das jovens declarou não recorrer a ninguém. Os motivos mais frequentes nesse sentido foram considerar que possuem culpa pelas agressões e medo do parceiro ficar bravo e terminar o relacionamento, o que coloca essas jovens em situação de maior risco e vulnerabilidade. Nesse contexto, o estudo de Gama, Veríssimo e Tomás (2017) apresentou o resultado de uma investigação que questionou aos estudantes quanto ao conhecimento das instituições/organizações a que podiam recorrer em casos de violência no namoro e, apesar da maioria afirmar saber onde buscar auxílio, o *dating violence* segue sendo praticado no namoro.

A partir da breve explanação e, para fins didáticos, optou-se em realizar as subdivisões de manifestações do *dating violence* encontradas e apresentá-las em três tópicos: 1. manifestações de violência psicológica, 2. manifestações de violência física e 3. manifestações de violência sexual.

#### **4.1 Manifestações de violência psicológica**

Essas manifestações se configuram como as mais praticadas por adolescentes de ambos os sexos (CECCHETTO et al., 2016) e, segundo Nascimento e Cordeiro (2011), em muitos momentos, as palavras utilizadas têm o poder de ferir mais do que manifestações de violência física. Nos depoimentos de adolescentes do sexo masculino, na pesquisa de Cecchetto et al. (2016) “*xingar, falar mal, falar por trás*” foram consideradas agressões psicológicas, sendo descritas como um recurso masculino que pode ser acionado no lugar da violência física. As agressões encontram espaço também no meio virtual. Diversos relatos mencionaram casos de difamação, xingamentos, humilhações públicas e exposição de fotos íntimas em redes sociais como forma de agredir.

No estudo de Beserra et al. (2016), com relação às manifestações de violência psicológica, o sexo masculino configurou-se como o maior perpetrador, principalmente com relação aos comportamentos controladores, como impedir o contato com outras pessoas, perseguir na escola e gritar ou ameaçar para meter medo. Já no estudo de Gama, Veríssimo e

Tomás (2017), o sexo feminino exerceu maior violência psicológica quando comparado ao masculino.

Foram referidas como manifestações de violência psicológica sofridas, através do questionário aplicado por Flake et al. (2013), com ocorrência pelo menos uma vez, por elevada parcelados participantes que o parceiro insultou ou xingou; gritou ou berrou; saiu abruptamente da sala (da casa, do jardim) durante um desentendimento; fez algo para irritar; destruiu algo que pertencia a ele; acusou de ser mal amante; ameaçou bater ou jogar algo. Já com relação à perpetração, os jovens também afirmaram já ter praticado essas formas de violência contra seus parceiros. Foram encontrados padrões similares de violência, independentemente do sexo.

Já no estudo realizado por Flores-Garrido e Barreto-Ávila (2018), a incidência de violência psicológica também foi elevada. Foram referidas como violências sofridas, pelo menos uma vez, com maior frequência pelas jovens participantes que o parceiro começou a bater na parede, a quebrar pertences pessoais delas; as envergonhou, menosprezou ou humilhou; fez comentários negativos sobre a imagem ou corpo; ignorou, parou de falar com elas; as vigiou ou espionou; criticou a maneira de serem ou de se vestirem; disse que elas não entendiam nada; não as deixa ter amigos(as); só as procura quando ele quer. O relato mais frequente dessa forma de violência, foi fato do parceiro ignorar ou parar de falar com a vítima.

Bittar e Nakano (2017) observaram que, dentre as formas de agressão, as manifestações de violência psicológica aparecem de forma marcante no cotidiano das relações afetivo-sexuais dos adolescentes participantes do estudo, que destacaram como violências mais comuns as agressões verbais, as tentativas do parceiro de controlar a vida deles, o uso de chantagens emocionais e pressões que sofriam para realizar certos atos ou adotar certas condutas.

No estudo de Gama, Veríssimo e Tomás (2017), se observou a prática de abuso ou violência emocional e verbal, de abuso ou violência relacional e de comportamentos ameaçadores em três categorias separas, embora todos se configurem como manifestações de violência psicológica. A frequência de abuso ou violência emocional sofrida foi a mais elevada: os jovens foram culpabilizados dos problemas pelos parceiros; referiram que o/a parceiro/a falou num tom de voz agressivo e mau; apontaram que os parceiros lhes disseram coisas para deixá-los furiosos; foram ameaçados pelos seus parceiros de terminarem o namoro; foram acusados de se meterem com outros e foram insultados com coisas humilhantes. Com relação à violência relacional, os jovens a referiram em menor frequência quando comparada às demais. Eles foram gozados e fizeram pouco deles em frente a outros; tentaram pôr os amigos contra eles; espalharam boatos contra eles contaram coisas aos amigos para colocá-los contra eles.

As ameaças são consideradas manifestações de violência psicológica. O chamado “ciúme obsessivo” é referido como manifestação de violência psicológica exercida principalmente pelas garotas. As proibições também são formas de violência, com relação a: sair de casa para atividades de lazer e diversão, ter amizades com pessoas do sexo oposto, usar certos tipos de roupas (CECCHETTO et al., 2016; NASCIMENTO, CORDEIRO, 2011). Na pesquisa realizada por Bittar e Nakano (2017), as falas dos adolescentes se configuraram como facetas da violência: “*ela sair desse jeito (com roupa curta) quando eu não estiver perto, não*” e “*Que nem essa daqui (a roupa), ele não gosta, acha muito decotada. Short ele não gosta*”. Nesse ponto, o sexo feminino é vitimizado.

No mesmo estudo realizado por Bittar e Nakano (2017), as adolescentes do sexo feminino entrevistadas aparecem como reprodutoras das ideologias de gênero, contribuindo para a dominação masculina como forma de violência: “*eu acho que não é coisa de uma menina que namora fazer*”; “*quando se namora você tem que se respeitar, não vai com uma roupa assim, mesmo se o namorado deixar*”. As falas das adolescentes do sexo feminino afirmam sua cumplicidade mesmo de forma inconsciente, em sofrer uma violência que se encontra naturalizada.

Gama, Veríssimo e Tomás (2017), ao analisarem os comportamentos ameaçadores sofridos, afirmaram que eles são menos prevalentes que os abusos emocionais e mais prevalentes que os abusos relacionais. Os dados evidenciaram que os jovens foram ameaçados pelos parceiros de terminar o namoro; foram assustados de propósito; foram ameaçados ou sofreram a destruição de algumas coisas de que eles gostavam e foram ameaçados de serem magoados pelos parceiros.

A traição feminina é considerada pelos rapazes como um ato violento. Entretanto, se é uma forma de agressão, um depoimento expressou bem o contexto machista em que é percebido o ato de trair, afirmando que “*o homem pode, a mulher não*”. A infidelidade feminina é tida como fator que pode levar à perpetração de violência física por parte do parceiro (CECCHETTO et al., 2016). Em pesquisa realizada por Nascimento e Cordeiro (2011), a traição aparece como principal motivo que levaria ao término do relacionamento para a maioria dos jovens entrevistados, de ambos os sexos. Porém, em oposição a essa postura, aparece a fala de um entrevistado que afirma que trair é “*inerente*” à condição de ser homem.

Vale ressaltar que, segundo pesquisa de Flores-Garrido e Barreto-Ávila (2018), as estudantes que declararam ter sofrido violência psicológica em seus relacionamentos também declararam ter sofrido violência física e sexual em maior proporção quando comparadas às

mulheres em geral, o que pode sugerir que as outras formas de violência se iniciam a partir desta. Dessa forma, focar a violência psicológica pode ser uma forma de intervir para prevenir as outras manifestações.

Outro ponto para se destacar é a dificuldade das jovens em identificar certas condutas como práticas violentas, conforme mostra o estudo de Flores-Garrido e Barreto-Ávila (2018): das jovens que afirmaram ter vivido pelo menos um episódio de violência psicológica, a maioria delas respondeu que no seu relacionamento não havia violência, o que corrobora com o estudo de Gama, Veríssimo e Tomás (2017), que ao questionar estudantes sobre a vivência de situações de violência no namoro, uma pequena parcela referiu a vitimização.

Sobre o referido, Nascimento e Cordeiro (2011) afirmam que algumas questões podem dificultar o reconhecimento da existência de práticas violentas nos relacionamentos, como: restringir a violência apenas ao âmbito físico, pois, nesse caso, os xingamentos, cerceamento do outro e ameaças de término, por exemplo, seriam excluídos e compreender a violência como uma demonstração de amor e cuidado.

#### **4.2 Manifestações de violência física**

No estudo de Flake et al. (2013), foram referidas como violências sofridas e perpetradas, do tipo física moderada pelos participantes que o parceiro atirou algo que poderia ter machucado; torceu seu braço ou puxou seu cabelo; empurrou ou deu um tranco; agarrou a força; os esbofeteou, com ocorrência pelo menos uma vez. Já como violência sofrida do tipo física grave, os jovens referiram que o parceiro utilizou uma faca ou arma contra eles; os esmurrou; tentou estrangular; atirou contra a parede; os espancou; os queimou. Não houve diferença significativa com relação ao sexo.

Na pesquisa de Beserra et al. (2016), adolescentes de ambos os sexos relataram uso de violência física, tais como: puxar os cabelos com força; dar uma bofetada; apertar o pescoço; atirar objetos em outra pessoa; dar pontapés e cabeçada e dar empurrões violentos, corroborando com a simetria da violência encontrada por Flake et al. (2013), ou seja, igualdade em relação ao exercício da violência no namoro. Já no estudo de Flores-Garrido e Barreto-Ávila (2018), as jovens referiram que haviam sofrido alguma das situações a seguir, pelo menos uma vez, durante o seu namoro atual: o parceiro as empurrou; deu um tapa; arranhou; as bateu; jogou algo pesado; as chutou; puxou o cabelo; tentou as estrangular. No estudo de Gama, Veríssimo e Tomás (2017), os jovens referiram que os parceiros lhes atiraram alguma coisa; que foram

empurrados; que o parceiro lhes bateu, deu pontapés ou murros e que lhes deram bofetadas ou puxaram os cabelos.

As explosões de raiva com consequentes agressões físicas foram mais associadas ao comportamento dos adolescentes do sexo masculino na pesquisa realizada por Cecchetto et al. (2016). Os relatos indicam que as meninas são muito mais vitimizadas, embora também agredam seus parceiros. Porém, existe uma desqualificação da violência praticada por adolescentes do sexo feminino, por ser considerada “menos danosa” e, talvez por isso, esse tipo de agressão conte com maior aceitação social. Um depoimento revelou que essa aceitabilidade é graduada, indo dos chamados “tapinhas de mulher”, tidos como de menor impacto e, por vezes, “prazerosos” até ao “tapa na cara”, que é considerado forma de humilhação pelos meninos.

No estudo de Bittar e Nakano (2017), sobre a violência física, os adolescentes afirmaram: *“o homem é sempre mais violento, qualquer briga o homem já perde o controle e quer bater, a mulher não, ela só fala e fala”*, corroborando com o afirmado por Cecchetto et al. (2016). Em oposição a essa passividade do sexo feminino afirmou-se também: *“você fala uma coisa e ela já começa a xingar, bater”* e *“ela não aguenta nas palavras e parte para a agressão, porque sabe que eu não posso bater nela. Ela vinha com tapa, murro e jogava coisas em mim. Ela morde, arranha, belisca, chuta”*.

Em pesquisa realizada por Cecchetto et al. (2016), foi possível observar nos relatos dos adolescentes a expressão de uma lógica machista que culpabiliza vítimas do sexo feminino por agressões físicas sofridas. Ou seja, embora os adolescentes tenham manifestado posição contrária às manifestações de violência no namoro, tal reprovação não excluía a visão estereotipada que as responsabiliza. Nesse ponto, ganha força a crença de que, quando a vítima sofre agressão física, é porque deu motivo para sofrer tal agressão ou porque gosta de ser agredida. Cabe acrescentar que é uma questão que vale, também, para os garotos que são agredidos pelas parceiras com a justificativa de terem dado motivos.

Um foco de alerta é que, no estudo de Flores-Garrido e Barreto-Ávila (2018), uma parcela das estudantes do sexo feminino referiu que sofreu, pelo menos uma vez, uma tentativa de estrangulamento por parte do parceiro e, com isso, ressalta-se o que foi afirmado por Bittar e Nakano (2017): as moças, quando agredidas fisicamente, sofrem consequências mais sérias, a ponto de necessitarem de cuidados emergenciais.

#### **4.3 Manifestações de violência sexual**

No estudo de Flake et al. (2013), com relação à violência sexual, os jovens referiram como violência sofrida e perpetrada que o parceiro os obrigou a fazer sexo sem camisinha; insistiu para fazer sexo quando não queriam; insistiu para ter sexo oral ou anal; usou força para ter sexo oral ou anal; usou força para fazer sexo; ameaçou para fazer sexo oral ou anal; ameaçou para fazer sexo, com ocorrência de pelo menos uma vez. Não houve diferença significativa com relação ao sexo. No estudo de Gama, Veríssimo e Tomás (2017), os jovens foram beijados quando não queriam; foram forçados a terem relações sexuais; foram tocados sexualmente contra a sua vontade e foram ameaçados para terem relações sexuais.

Em relação às agressões sexuais, em pesquisa realizada por Cecchetto et al. (2016), os adolescentes as representaram, sobretudo, como sexo forçado e, muitas vezes, o sexo feminino foi acusado de não perceber a situação de abuso sexual. O ato de pressionar a menina para fazer sexo ou para ter outras formas de intimidades sexuais foi repudiado pelos adolescentes, embora admitam que essa atitude não seja incomum nos relacionamentos.

Os achados de Beserra et al. (2016) mostram que, em relação à violência sexual, o sexo masculino aparece como maior vítima nas situações de o parceiro pedir que tenha atos sexuais de que não gosta; forçar a manter atos sexuais contra a vontade e tentativa de contato físico com conotação sexual. Nesses mesmos comportamentos as adolescentes do sexo feminino aparecem como maiores perpetradoras. Ainda, as meninas relataram menores taxas de abuso sexual perpetrado especialmente em relação a forçar seu parceiro a ter sexo.

Os resultados do estudo de Flores-Garrido e Barreto-Ávila (2018), mostram que as jovens participantes referiram ter sofrido pelo menos um dos episódios a seguir, em seus relacionamentos atuais: falar sobre questões sexuais que você não gosta ou que fazem você se envergonhar; querer tocar em você sem consentimento e ameaçar terminar contigo se não aceitasse; ameaçar dizendo que, se não fizerem sexo, vai terminar o relacionamento; contar aos amigos que você faz sexo com ele, mesmo que não seja verdade; enviar pornografia pra você na internet ou mostrar pornografia sem o seu consentimento. A manifestação mais prevalente foi a que os parceiros falaram com as jovens sobre questões sexuais que elas não gostavam ou que se sentissem envergonhadas.

## **5 CONCLUSÃO**

Nesta revisão, procurou-se integrar alguns eixos que poderão auxiliar a compreensão contextual e multifacetada das violências nas relações amorosas entre adolescentes e jovens. Proporcionando, dessa maneira, um arcabouço teórico que poderá embasar e fomentar a



elaboração de ações intersetoriais, capazes de intervir nessa prática díspar causada pelo *dating violence*, pautada nas evidências científicas.

A presente investigação obteve como resposta, as principais manifestações do *dating violence* nas agressões psicológicas, como as chantagens, a intimidação e as humilhações com intuito de difamação. Nas manifestações da violência física, os puxões de cabelo, “trancos” e bofetadas foram as mais referidas pelos adolescentes e jovens e, por fim, as violências de cunho sexual se mostraram múltiplas quanto as suas manifestações desde falar com o parceiro sobre questões sexuais que o deixam desconfortável quanto a fazer sexo sem ter vontade. Denotando, dessa maneira a pluralidade de tipo de violência as quais esse grupo está exposto.

Cabe salientar que existem limitações que devem ser referidas nas considerações finais desta pesquisa. Uma delas é a quantidade de pesquisas de caráter nacional que, ainda é escassa. Outra situação relevante é que os estudos ainda apontaram uma natureza qualitativa ou de estudo transversal. Fato que, não despontam associações comportamentais robustas capazes de embasar a construção de modelos que expliquem a gênese do *dating violence*. A perspectiva é que outras pesquisas possam emergir, com diferentes naturezas e desenhos, correlacionar variáveis ainda não estudadas. Apresentando, em especial, a dinâmica desse tipo de violência no território brasileiro, fato que poderá contribuir na redução da violência no país.

Nesse sentido, o presente estudo não pretende condenar o namoro e as relações amorosas estabelecidas na adolescência/ juventude, mas salientar que esses relacionamentos podem ser arquitetados a partir de experiências positivas, onde o respeito pode ser estabelecido por meio de diálogo e na construção de uma cultura de não violência, a fim de interromper a perpetuação desses tipos de conflitos que tendem a se agravar com o tempo e, isso reforça a importância do envolvimento de familiares e de algumas instituições na condução desse público a fim de promover o fortalecimento de habilidades sociais e enfrentamento adequado, com busca de ajuda, quando percebidas relações abusivas e violentas.

## REFERÊNCIAS

ANACONA, C. A. R. Prevalencia, factores de riesgo y problemáticas asociadas con la violencia en el noviazgo: una revisión de la literatura. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá (Colombia), v. 26, n. 2, p. 227-241, dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.urosario.edu.co/index.php/apl/article/view/64/56>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BESERRA, M. A.; LEITÃO, M. N. da C.; FABIÃO, J. A. da S. A. de O.; DIXE, M. dos A. C. R.; VERÍSSIMO, C. M. F.; FERRIANI, M. das G. C. Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 183-191, mar. 2016. Disponível

em:<https://www.scielo.br/pdf/ean/v20n1/1414-8145-ean-20-01-0183.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BIGLIARDI, A. M.; ANTUNES, M. C. **Violência contra mulheres: a vulnerabilidade feminina e o perfil dos agressores**. Curitiba: Juruá, 2018.

BITTAR, D. B.; NAKANO, A. M. S. Violência simbólica entre adolescentes nas relações afetivas do namoro. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 51, e03298, 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v51/pt\\_1980-220X-reeusp-S1980-220X2017003003298.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v51/pt_1980-220X-reeusp-S1980-220X2017003003298.pdf) . Acesso em: 29 jun. 2020.

CARIDADE, S.; SAAVEDRA, R.; MACHADO, C. Práticas de prevenção da violência nas relações de intimidade juvenil: Orientações gerais. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 30, n. 1-2, p. 131-142, jan. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v30n1-2/v30n1-2a11.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

CECCHETTO, F.; OLIVEIRA, Q. B. M.; NJAINE, K.; MINAYO, M. C. de S. Violência percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. **Interface**, Botucatu, v. 20, n. 59, p. 853-864, dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/v20n59/1807-5762-icse-1807-576220150082.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

COOKE, A.; SMITH, D.; BOOTH, A. Beyond PICO: The SPIDER Tool for qualitative evidence synthesis. **Qualitative Health Research**, v. 22, n. 10, p. 1435-1443, out. 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22829486/>. Acesso em: 29 jun. 2020.

COSTA, N. B. A.; MODESTO, J. G. Representação social do relacionamento amoroso saudável. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 12, n. 1, p. 100-115, jan. 2020. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/3497/2431>. Acesso em: 29 jun. 2020.

FLAKE, T. A.; BARROS, C.; SCHRAIBER, L. B.; MENEZES, P. R. Violência por parceiro íntimo entre estudantes de duas universidades do Estado de São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 801-816, dez. 2013. Disponível em:[https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v16n4/pt\\_1415-790X-rbepid-16-04-00801.pdf](https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v16n4/pt_1415-790X-rbepid-16-04-00801.pdf). Acesso em: 29 jun. 2020.

FLORES-GARRIDO, N.; BARRETO-ÁVILA, M. Violencia en el noviazgo entre Estudiantes de la Universidad Nacional Autónoma de México. Un análisis mixto. **Revista Iberoamericana de Educación Superior**, México, v. 9, n.26, p. 42-63, 2018. Disponível em:<http://www.scielo.org.mx/pdf/ries/v9n26/2007-2872-ries-9-26-42.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

GAMA, A.; VERÍSSIMO A.; TOMÁS, C. Violência no namoro na Escola Superior de Educação de Lisboa. **Ex aequo**, Lisboa, n. 36, p. 77-98, dez. 2017. Disponível em:<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n36/n36a06.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

JUNG, V. F.; CAMPOS, C. H. de. Órfãos do feminicídio: vítimas indiretas da violência contra a mulher. **Revista de Criminologias e Políticas Criminais**, Goiânia, v.5, n. 1, p. 79-

96, jan./jun. 2019. Disponível em:<https://indexlaw.org/index.php/revistacpc/article/view/5573/pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

MAKEPEACE, J. M. Courtship violence among college students. **Family Relations**, v.30, n. 1, p. 97-102, jan. 1981. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/584242?seq=1>. Acesso em: 29 jun. 2020.

NASCIMENTO, F. S.; CORDEIRO, R. de L. M. Violência no namoro para jovens moradores de Recife, Brasil. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 516-525, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n3/09.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

OLIVEIRA, R. N. G. de; GESSNER, R.; BRANCAGLIONI, B. de C. A.; FONSECA, R. M. G. S. da; EGRY, E. Y. .A prevenção da violência por parceiro(a) íntimo(a) na adolescência: uma revisão integrativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 50, n. 1, p. 134-143, fev. 2016. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v50n1/pt\\_0080-6234-reeusp-50-01-0137.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v50n1/pt_0080-6234-reeusp-50-01-0137.pdf). Acesso em: 29 jun. 2020.

OLIVEIRA, W. A. de; SILVA, J. L. da; SAMPAIO, J. M. C.; SILVA, M. A. I. Saúde do escolar: uma revisão integrativa sobre família e *bullying*. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 1553-1564, maio 2017. Disponível em:<https://www.scielo.br/pdf/csc/v22n5/1413-8123-csc-22-05-1553.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

OMS (Organização Mundial da Saúde). **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra mulher: ação e produção de evidências**. 2012. Disponível em:[https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350/9789275716359\\_por.pdf;jsessionid=87248985082C10C65875534278EA9578?sequence=3](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350/9789275716359_por.pdf;jsessionid=87248985082C10C65875534278EA9578?sequence=3). Acesso em: 18 abr. 2020.

OMS (Organização Mundial da Saúde). **World report on violence and health**. 2002. Disponível em:[https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42495/9241545615\\_eng.pdf;jsessionid=7726FA6250296AE968D8E5750F27FFCB?sequence=1](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42495/9241545615_eng.pdf;jsessionid=7726FA6250296AE968D8E5750F27FFCB?sequence=1). Acesso em: 18 abr. 2020.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de; Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar. 2010. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt\\_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf](https://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf) . Acesso em: 29 jun. 2020.